

O (SER) HUMANO DA PSICOLOGIA: UM OLHAR A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE A ECOPSICOLOGIA E A GESTALT TERAPIA¹

Lia Oliveira Terra²
Lara Brum de Calais³

RESUMO:

Este artigo tem por finalidade refletir sobre o ser humano da psicologia, discutindo a visão de mundo atual a partir de alguns pressupostos da gestalt terapia e da ecopsicologia, visando uma maior compreensão das possíveis contribuições (ou não) da psicologia no campo das questões ambientais atuais. Isso, tendo em vista a perspectiva de inter-relação entre crise ecológica e os elementos subjetivos constitutivos desta. São trabalhados conceitos da gestalt terapia e da ecopsicologia e concomitantemente um possível diálogo entre ambas. Além disso, apresenta-se a noção de saúde em algumas de suas possibilidades e referenciais, entendendo principalmente os fatores contemporâneos na constituição da saúde planetária, a partir de uma perspectiva ecológica de mundo. Esta perspectiva apresentada nas discussões do artigo, se mostra propícia e ampla para discutir o ser humano dentro de suas complexidades, podendo ser uma possível ferramenta para subsidiar transformações na relação pessoa/mundo, essenciais para que a sociedade se liberte de um padrão destrutivo e siga em uma direção nova, pautada na sustentabilidade humana.

Palavras-chave: Ecopsicologia. Gestalt terapia. Ecologia. Saúde.

L' (ÊTRE) HUMAIN DE LA PSYCHOLOGIE: UN REGARD BASÉ SUR LE DIALOGUE ENTRE L'ÉCOPSYCHOLOGIE ET LA GESTALT-THÉRAPIE

RÉSUMÉ:

Cet article a pour objectif de poser une réflexion sur l'être humain de la psychologie, discutant la vision actuelle du monde en prenant pour base certaines suppositions de la gestalt-thérapie et de l'écopsychologie, pour amener à une compréhension plus large des contributions possibles (ou pas) de la psychologie sur le champ des enjeux environnementaux actuels. Cela, sans perdre de vue la perspective d'interrelation entre la crise écologique et les éléments subjectifs qui la constituent. Seront travaillés certains concepts de la gestalt-thérapie et de l'écopsychologie et, parallèlement, un possible dialogue entre les deux approches.

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) na Linha de Pesquisa Psicologia e relações sociais, comunitárias e políticas. Recebido em 25/10/19 e aprovado, após reformulações, em 25/11/19.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) e graduada em Gestão Ambiental pela Faculdades Integradas Vianna Júnior (FIVJ). E-mail: liaoterra@gmail.com

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora e docente do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF). E-mail: laracalais@hotmail.com

La notion de santé sera développée dans certaines de ces possibilités et références, principalement par la compréhension des facteurs contemporains qui constituent la santé planétaire, à partir d'une perspective écologique du monde. Cette dernière, éclairée au cours de l'article, se montre vaste et propice pour débattre sur l'être humain dans toute sa complexité. Elle pourrait être un outil efficace pour encourager une transformation de la relation homme/monde, essentielle pour que la société se libère d'un mode opératoire destructif et se tourne dans une nouvelle direction, basée sur le développement humain durable.

Mots-clés: Écopsychologie. Gestalt-thérapie. Écologie. Santé.

1 INTRODUÇÃO

O Ser Humano moderno, diante dos grandes avanços tecnológicos e intensa urbanização dos espaços, acabou se distanciando dos ambientes naturais e, como consequência, desconectou-se gradualmente do pertencimento com o todo e do sistema de inter-relações existentes. De acordo com Bilíbio (2013, p.153), “o utilitarismo com que a sociedade de consumo se relaciona com o mundo natural desqualifica os sentimentos profundos de conexão, simpatia e angústia que derivam de sua destruição”.

Dentro da perspectiva de uma visão holística de mundo, existe uma integração do todo, onde não há entendimento real dos fenômenos a partir de suas partes, ou seja, o ser humano seria uma parte de um grande sistema interconectado com vários outros sistemas, como uma rede, o que Capra (1996), vai denominar de “teia da vida”. Essa visão holística, ainda em consonância com o autor, poderia ser denominada “visão ecológica”, visto que quando utilizada dentro de um significado profundo e amplo, abrangendo a interdependência de todos os fenômenos e a relação do humano com os processos cíclicos da natureza, acaba por ser ainda mais abrangente.

Capra (1996, p.46), relata que: “Por volta da década de 30, a maior parte dos critérios de importância-chave do pensamento sistêmico⁴ tinha sido formulada pelos biólogos orgânicos, psicólogos da Gestalt e ecologistas”. A ecopsicologia e a

⁴ Capra (1996) utiliza sistêmico e ecológico como sinônimos, visto que a perspectiva sistêmica seria justamente a perspectiva holística, sendo apenas uma forma mais científica de se nomear.

Gestalt, portanto, não apenas por esse fator, mas muito além disso, possuem muitos pontos de encontro e diálogos que podem trazer reflexões acerca da visão de humano na psicologia.

A Ecopsicologia é construída a partir de uma visão de mundo holística e vai justamente se pautar nessa concepção de ser humano integral com o meio, sendo uma totalidade interrelacionada que gera e recebe efeitos no todo constantemente. Existiria para esta abordagem, um inconsciente ecológico, que de acordo com Bilíbio (2013, p.153), seria “[...] a conexão da consciência com a sabedoria auto-reguladora da natureza: é instinto nas outras espécies e evolui para sabedoria ecológica em nós”. Esse inconsciente, diante de uma cultura de repressão, acaba por ser deformado com o desenvolver da vida (BILÍBIO, 2013).

No que se refere mais especificamente à Gestalt, esta tem sua origem em uma palavra alemã que não possui uma tradução literal em português e encontra a maior aproximação no significado de *totalidade*. A Abordagem carrega portanto, em seu próprio nome, a sua “lente” de mundo, enxergando todos os fenômenos através de uma totalidade e entendendo que existe um campo onde tudo se comunica e se interfere mutuamente. Yontef (1998, p.177) afirma que: “O campo/indivíduo se cria com a parte individual influenciando o resto do campo, e o resto do campo influenciando o indivíduo”, discorre então sobre uma causalidade circular, diferindo do modelo mecanicista que adere a ideia de causalidade linear (YONTEF,1998).

Ribeiro (2009) afirma que a teoria holística e de campo são a base principal da Gestalt terapia e que a partir delas é possível ver a relação pessoa/meio ambiente como uma direção a ser tomada. Através dessa relação de totalidade, e da dimensão de campo é que vem a perspectiva ecológica da Gestalt. Existe, de acordo com o autor, uma relação pessoa/mundo/ambiente e dessa forma não é possível pensar no ser humano sem o meio. Bilíbio (2013, p.153) sustenta que: “[...] o desequilíbrio dos sistemas vivos é precedido de um desequilíbrio psíquico e cultural, o que se expressa em atitudes ambientalmente disfuncionais”.

Diante dos pressupostos teóricos, podemos perceber que ambas vão trazer uma concepção de totalidade humano/natureza, sendo um conjunto integral que não

pode ser visto separadamente e que precisa ser entendido de forma holística, para que assim possamos ser mais efetivos nos campos da psicologia e ecologia⁵. Neste cenário, a interdisciplinaridade poderia ser a chave para um início de entendimento e com isso uma possível reflexão sobre soluções para os problemas sociais, ambientais e emocionais atuais. Sendo eles muito complexos para serem trabalhados separadamente em disciplinas isoladas, é preciso tirarmos um pouco os “zooms” que foram sendo criados em busca de especialidades cada vez maiores, para através da integralidade entendermos o funcionamento e as engrenagens dos problemas contemporâneos que enfrentamos.

A partir das pesquisas realizadas para a construção do presente artigo, foram encontrados alguns trabalhos realizados que já aproximavam a Gestalt terapia com a Ecopsicologia, e para além, foram escritos trabalhos que faziam essa aproximação com outras linhas como por exemplo a reichiana, Junguiana e até psicanalítica. O que contribuiu de forma impulsionadora na busca sobre a relevância do trabalho da psicologia (clínica) em relação as questões ecológicas atuais. Quais seriam então as possibilidades de contribuição do psicólogo clínico nas questões da sustentabilidade humana? Em meio a tantos aspectos que envolvem tal indagação, é possível apostar que a Psicologia, pertencente as ciências humanas, seria essencial na busca por soluções e melhorias do exercício do cuidado e escuta ao sujeito, sobretudo no que se refere às práticas que criam condições de uma visão integral sobre o humano.

Este artigo tem por finalidade refletir sobre o ser humano da psicologia, discutindo a visão de mundo atual a partir de alguns pressupostos da gestalt terapia e da ecopsicologia, almejando uma maior compreensão das possíveis contribuições (ou não) da psicologia no campo das questões ambientais atuais, tendo em vista a perspectiva de inter-relação entre crise ecológica e os elementos subjetivos constitutivos desta. Bilíbio (2013) afirma que o adoecimento das pessoas, sociedade, cultura, e natureza, se inter-relacionam. Dessa forma, é possível

⁵ No âmbito da ecologia o embasamento das discussões será a partir da visão da Ecologia Profunda de Arne Naess

entender uma causalidade circular que fortalece o sentido de entendimento do todo para consequente direcionamento das partes. Partindo desse objetivo, são trabalhados alguns dos conceitos da Gestalt terapia e da ecopsicologia e ao mesmo tempo um possível dialogar entre essas abordagens. Além disso, desenvolveu-se a compreensão de saúde em algumas de suas possibilidades e referenciais, entendendo o que pode estar acontecendo hoje com o ser humano que possa vir a influenciar na saúde planetária e vice-versa. Saúde essa que envolve o ser humano em toda sua concepção, sendo o meio ambiente parte dessa totalidade, uma visão de saúde pautada então em uma visão ecológica de mundo.

2 ECOPSICOLOGIA, GESTALT TERAPIA E DIÁLOGOS

Serão trabalhados alguns conceitos específicos da Ecopsicologia e da Gestalt terapia, além das possibilidades de diálogo entre elas, buscando possíveis contribuições em relação a esses conceitos comuns e sua relevância para as discussões do artigo. A partir de tais elaborações, serão apresentados ainda, nos itens subsequentes, as possíveis dimensões de saúde e suas possibilidades dentro de uma visão sistêmica; um breve resgate de paradigmas que produziram e ainda produzem visões de mundo e de ciência na atualidade; e as considerações finais a respeito da discussão apresentada no presente artigo.

2.1 ECOPSICOLOGIA

A ecopsicologia nasce a partir de uma visão holística e integradora, onde não existe separação humano/natureza e ecologia/psicologia. Sendo ambos parte de um todo. Clama pela relevância da ecologia na psicologia e da psicologia na ecologia. Portanto, faz-se como uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar ao mesmo tempo, sendo resultado de uma comunicação entre a Psicologia e a Ecologia (BILÍBIO, 2013).

O termo ecopsicologia foi primeiramente lançado em 1992 com o livro *The voice of the Earth* de Theodore Roszak (BILIBIO, 2013), entretanto, antes da publicação já aconteciam importantes discussões na área. Em 1989, um aluno de Greenway⁶ formou um grupo de estudos sobre psicoecologia. A reputação do mesmo chamou a atenção de Roszak, que em 1990 pediu para participar e, dois anos depois, lançou o livro que traria pela primeira vez a palavra ecopsicologia.

Enquanto área, busca o rompimento de uma visão individualista, construída por uma sociedade urbana-industrial que vem reprimindo um importante aspecto da psique, o inconsciente ecológico (ROSZAK, 2001). Neste sentido, a ecopsicologia integra o ecológico e o existencial, a psique e o ecossistema, o indivíduo e a comunidade. E, ainda, vai ao encontro do processo terapêutico em uma perspectiva humanista e transpessoal⁷, porém com um objetivo diferente, que seria justamente curar a relação do ser humano com a terra. Muitas conferências de ecopsicologia vão buscar auxiliar nessa reconexão dos terapeutas e eventualmente dos seus clientes com o mundo natural (THOMASHOW, 1998). Para o autor, a ecopsicologia surgiria então, justamente como uma resposta a ansiedade difusa proveniente de uma alienação ecológica, relacionada ao distanciamento humano dos habitats naturais, sugerindo uma ansiedade de separação quando essa ligação corpo/terra é rompida.

A Ecopsicologia é ainda, uma abordagem emergente e que vai de encontro a uma visão antropocêntrica da psicologia, sugerindo que existe uma psicopatologia latente à relação homem/natureza (BILIBIO, 2013). Para essa abordagem, existiria então um inconsciente ecológico, onde o ser humano teria originalmente em sua dimensão psíquica, a presença da natureza, conectando-o a matriz e uma sabedoria integrativa, relacionada a essa noção de pertencimento com o todo (BILÍBIO; DOCA, 2018). A conexão humana com o inconsciente ecológico, diante do desenvolvimento humano-industrial-tecnológico, foi sendo perdida. Ninis e Bilíbio (2012, p.48) afirmam

⁶ Um dos fundadores do que veio a se tornar a ecopsicologia (SCHROLL, 2007)

⁷ A psicologia transpessoal surgiu em 1966 nos EUA, sendo considerada a “quarta força” da psicologia, foi precedida pelo behaviorismo, psicanálise e a psicologia humanista. Fundamentada em várias áreas de conhecimento, traria uma maior ampliação da visão de ser humano. Utiliza de muitos ensinamentos e práticas

que “[...] a racionalidade técnico científica desenvolve na humanidade um grau de patologia somática e psíquica em níveis individuais e coletivos, que levou tanto à degradação do meio natural quanto ao dilaceramento da sociedade” (NINIS; BILÍBIO, 2012, p.48).

A Ecopsicologia sustenta que existe uma interação sinérgica entre o bem-estar pessoal e o planetário e que, portanto, as necessidades do planeta são também as necessidades das pessoas e que os direitos das pessoas são os direitos do planeta. A medida que se compreende essa relação, o ego ecológico existente em todos os seres humanos amadurece em direção ao senso de responsabilidade ética com o planeta. A ideia fundamental seria que essa responsabilidade estivesse dentro de todas as relações sociais e políticas (ROSZAK, 2001).

O campo da ecopsicologia então, como uma forma de diálogo entre os ecologistas e psicólogos, poderia enriquecer ambas as áreas e desempenhar um papel significativo nas políticas públicas (ROSZAK, 2001). Reflete justamente a necessidade de que os psicólogos se voltem também para as questões ambientais, mas para muito além disso, traz uma necessidade de orientação ecológica, a partir da qual se constrói um novo pensamento coletivo e interdisciplinar, que emerge dessa união das áreas em busca de uma direção, um caminho a se seguir (THOMASHOW, 1998).

2.2 GESTALT TERAPIA

Os conceitos da Gestalt terapia, encontram sua origem e desenvolvimento em mais de uma teoria, sendo assim, é considerada, Humanista, Existencialista e Fenomenológica, e suas teorias de base principais são, a Psicologia da Gestalt, Teoria do campo e a Teoria Holística (RIBEIRO, 2006). Essas bases filosóficas e teóricas não serão aprofundadas neste artigo, visto que não são foco do mesmo. Contudo, é relevante nos situarmos e compreendermos de onde estamos falando, de qual lugar se encontram os conceitos que serão discutidos no presente artigo.

Conforme já referido a palavra *Gestalt* sendo aproximada ao sentido de *totalidade* possui uma compreensão dos fenômenos a partir da noção do todo, pois quando tentamos separá-lo e entendê-lo por suas partes, perdemos seu significado real (RIBEIRO, 1985).

A partir dessa totalidade dos fenômenos, o fundador da Gestalt terapia, vai agregar também que o homem se organiza no processo perceptivo, como um inteiro, não percebendo nada isoladamente e sem estar em relação (PERLS, 1988). Estaríamos então, de acordo com Ribeiro (1985), imersos nesses todos, nessas Gestalts, dos quais tomamos maior ou menor consciência. Com base nesses pressupostos, “a abordagem gestáltica não diz respeito só ao homem, mas à natureza em sua integralidade, e por isso, resgatar o humano implica resgatar a relação corpo-pessoa, mente-pessoa, ambiente-pessoa. Três ângulos de um triângulo chamado totalidade” (RIBEIRO, 2006, p.20). O homem não pode ser pensado sem o meio e nem o meio sem o homem, pois se sim, estaríamos na verdade, fazendo uma abstração (RIBEIRO, 2009).

Alguns dos conceitos da Gestalt terapia que se mostram relevantes na discussão desse artigo, serão trabalhados mais profundamente no próximo tópico, em conjunto com conceitos da ecopsicologia. Isto, no intuito de fortalecer mutuamente essas correntes, buscar o despertar de reflexões sobre novos caminhos e possibilidades dentro da atual conjuntura planetária e ainda, as responsabilidades atreladas às nossas profissões e ações no mundo.

2.3 DIALOGOS POSSÍVEIS

No ano de 1993, ocorreu a primeira conferência de ecopsicologia, sediada no Instituto Esalen, Califórnia, Estados Unidos (VOLPI, 2007), sendo esse, o mesmo instituto em que Frederick Salomon Perls, fundador da Gestalt Terapia viveu e ensinou durante cinco anos, havendo chegado no ano de 1964. A visão do instituto seria justamente a transformação da humanidade, trabalhando com indivíduos e instituições e integrando corpo, mente, coração, espírito e comunidade em uma relação de cuidado e nutrição com o meio ambiente (INSTITUTO ESALEN, c2019).

Tal visão vai ao encontro tanto dos pressupostos da ecopsicologia, quanto da Gestalt, visto que ambas buscam essa integração humano/ambiente.

Para a Gestalt terapia, um conceito fundamental é o de *Cuidado*. O ser humano apesar de ter sido definido como animal racional por séculos, deveria ser redefinido como um ser ético, que cuida de si, do outro e do planeta. Cuidar de si é cuidar do outro e cuidar do outro é cuidar de si, sendo que, ambos fazem parte do instinto de autopreservação (RIBEIRO, 2006). Volpi (2007) sustenta que é necessário reconectar nosso EU com às raízes de onde viemos, reintegrando a mente humana à natureza e reativando a energia e afeto de cuidar e preservar que existe nos seres humanos em substituição do abandonar ou destruir. Para ambos os autores, o cuidar é inerente ao Ser humano, mas diante de uma desconexão com o meio ambiente natural, foi sendo escondido de nós, por nós mesmos.

Ribeiro (2006, p.102) acrescenta ainda que: “cuidar-se é uma forma ativa de ajustar-se criativamente [...]”. E que ajustar-se é um processo espontâneo e instintivo do qual encontramos em nós, no meio ou em ambos, uma solução disponível para nos auto regularmos, mesmo quando as soluções não estão aparentemente evidentes (RIBEIRO, 2006). Neste sentido, o ajustamento criativo seria uma forma saudável de ser e estar no mundo.

Para Yontef (1998, p.36), um dos grandes pensadores atuais em Gestalt terapia, “uma pessoa que mostra interação criativa assume a responsabilidade pelo equilíbrio ecológico entre o self e seus arredores”. Para a abordagem gestaltica, estar atento ao processo de ajustamento criativo é estar saudável, e a ruptura dessa relação orgânica e natural seria a doença (RIBEIRO, 2006). Então, se quando pensamos no equilíbrio ecológico hoje, ele se faz distante, podemos pensar que as interações criativas possivelmente não estão ocorrendo de forma saudável. E ainda, que se estarmos doentes psiquicamente gera efeitos de não cuidado com o outro e com o mundo, nossa saúde influi diretamente na saúde ambiental, e para além disso, a saúde ambiental também influencia na saúde humana.

De acordo com Yontef (1998), a teoria que melhor explica tais fenômenos seria a teoria de campo criada por Lewin, um psicólogo alemão. A mesma explica os

fenômenos que a teoria Newtoniana, mecanicista, linear e dual explica, porém é ainda mais abrangente, trazendo o entendimento de causalidade circular que se estabelece “[...] em algum lugar entre a causalidade linear do modelo mecanicista e a verdadeira teoria de campo” (YONTEF, 1998, p.117). Dentro de uma causalidade circular, podemos pensar em uma totalidade que transforma e é transformada a partir do contato. Yontef (1998) reitera que dentro da perspectiva de campo, não ocorrem os dilemas e falsas dicotomias que são muitas vezes gerados pelo pensamento mecanicista, pois “o campo indivíduo/ambiente se cria com a parte individual influenciando o resto do campo, e o resto do campo influenciando o indivíduo” (YONTEF, 1998, p.177).

Bilibio (2013) afirma que mesmo as abordagens de origem ecológica apresentam embaraços para se firmarem ao encontro da perspectiva de campo que insiste nessa influencia mutua entre partes e o todo. E, para além disso, que até autores qualificados de abordagens holísticas, como a Gestalt terapia por exemplo, possuem dificuldades nesse processo, diante de um antropocentrismo ainda arraigado.

A teoria de campo traz uma mudança radical no modo de enxergar e agir no mundo e o autor complementa ainda que para alcançar essa forma de ver e agir, se faz necessário um árduo trabalho em função de reconhecer em nós o que é realmente nosso e o que na verdade são introjeções, sentimentos e comportamentos condicionados. Tudo isso em busca de uma liberação, um grande processo interno em relação a quem somos e a crenças limitantes (BILÍBIO, 2013).

O campo, dentro dessa teoria, seria como uma teia sistemática de inter-relações que se influenciam mutuamente. Ele é interativo, dinâmico e construído pelas forças presentes no mesmo, onde todas elas afetam e são afetadas entre si (YONTEF, 1998). As relações e trocas que se dão no campo, ocorrem e se transformam respectivamente através do contato.

O contato, de acordo com Yontef (1998, p.237), “[...] é o processo básico do relacionamento”. Esse Contato em Gestalt é relativo e subjetivo, e os autores possuem diferentes visões sobre o mesmo (D’ACRI; LIMA; ORGLER, 2007, p.43).

Ainda de acordo com as autoras, contato seria um “instrumento por meio do qual transcendemos partes, na direção de uma totalidade possível”.

Para Ribeiro (2009), o contato se relaciona com se tornar, primeiramente, cúmplice da sua totalidade e, em seguida, da totalidade do outro. Além disso, que “tudo no universo está em contato, pois é ele a alma que transforma e sintetiza todas as coisas” (RIBEIRO, 2006, p.92). Esse contato não se relaciona apenas ou necessariamente com o toque, podendo ele ser de variadas formas, tais como um olhar, um gosto, um movimento. Pode ser com o corpo, com a mente, com o coração, com a natureza e com o outro. Implica estar atento ao momento presente, ao aqui agora, e envolve o organismo como um todo (RIBEIRO, 2006).

Se esse contato permite transformar e ser transformado, talvez ele possa ser fundamental para uma ressignificação de relação pessoa/mundo. A humanidade nos dias atuais não tem estado em contato verdadeiramente com o meio ambiente, e é preciso que haja uma mudança de perspectiva de mundo. Como afirmava Capra (1996), a crise a qual nos encontramos é a crise de percepção, visto que a grande maioria das pessoas e instituições ainda têm uma visão obsoleta de mundo. Ainda segundo o autor, é preciso que mudemos radicalmente nossa percepção, de uma visão de mundo mecanicista de Descartes e Newton, para uma visão holística, ecológica (CAPRA, 1996).

Ribeiro (2006), alega que o mundo contemporâneo moderno, digital, de ampla velocidade acaba por obrigar as pessoas a um movimento constante de auto regulação. E, em busca de um equilíbrio dentro de todo um contexto de desequilíbrio e aceleração, a resposta para os estímulos pode não ser muito estável. Para o autor, “Somos biopsicossocioespirituais e auto-regular-se é não perder a perspectiva dessa quádrupla dimensão humana” (RIBEIRO, 2006, p.57).

A auto regulação organísmica seria então, o processo através do qual o organismo vai manter seu equilíbrio, dentro de condições adversas e assim se manter saudável. É a partir dela, e desse processo homeostático que podem ser satisfeitas suas necessidades (PERLS, 1988). Ribeiro (2006, p.56), vai afirmar que “o instrumento de manutenção da vida é a auto-regulação do organismo no mundo e

a partir dele”. E dessa forma que os seres, apesar do nome **auto-regulação**, não a fazem sozinhos, o processo acontece no mundo e por meio dele (RIBEIRO, 2006). Ocorre dessa forma, de acordo com a interação com o ambiente (D’ACRI; LIMA; ORGLER, 2007).

Bilíbio (2013) sustenta que o fato da Gestalt terapia ter uma percepção do meio como um organismo vivo, faz com que ela seja congruente com a noção de inconsciente ecológico da Ecopsicologia, mesmo que não utilize o mesmo termo. A Gestalt reconhece que essa força de auto-regulação existente orienta o planeta como um todo. Para Ribeiro (2009), conforme mencionado anteriormente, essa inclusão e visão de ser humano integral com o meio seria justamente a chamada ambientalidade humana.

Diante dessa relação homem/mundo, dentro da abordagem Gestáltica, Jorge Ponciano Ribeiro, em seu livro “Holismo, Ecologia e Espiritualidade: Caminhos de uma Gestalt plena”, levanta uma questão importante: “Se não cuido de mim que estou aqui, agora, presente em mim mesmo, como vou cuidar da terra, aparentemente tão distante e tão indiferente às minhas necessidades imediatas?” (RIBEIRO, 2009, p.138). Além disso, traz a sustentabilidade humana como precedente à sustentabilidade do planeta (RIBEIRO, 2009, p.16), e diz que sem salvarmos o homem dificilmente salvaremos a terra. Se não nos reconhecemos como seres relacionais, se não enxergamos o outro como nós mesmos, e sem entendermos como se dá essa relação com homem/ambiente, é muito difícil se importar e se responsabilizar para com os aspectos do mundo (RIBEIRO, 2009, p.138).

A visão holística vai provocar a todo tempo reflexões sobre nosso pertencimento ao Planeta e de certa forma nos educar a respeitá-lo. Parte significativa das vezes, olhamos para o planeta como se fosse algo do qual podemos apenas fazer uso ou admirar, sem entender que somos uma única realidade, e que embora vivamos a sensação de individuação a todo tempo, que é um processo importante para o processo holístico de evolução, o todo não elimina

as partes, ele as incorpora. Olhar com reverência para o planeta é, portanto, olhar com reverência para si mesmo (RIBEIRO, 2009).

Apesar da Ecopsicologia e da Gestalt possuírem vários pontos teóricos afins, visto que conforme anteriormente discutido, buscam trabalhar com a perspectiva holística e conceituando pessoa/mundo dentro de uma totalidade, a ecopsicologia apresenta um foco específico nas questões ambientais, na crise ecológica e sustentabilidade humana, onde busca através da união das linhas, uma possível transformação para que a sustentabilidade humana possa existir. Já a Gestalt terapia, ainda é muito utilizada em um formato terapêutico, que apesar de enxergar o todo dentro de uma visão holística e integral do ser humano, não necessariamente vai trabalhar diretamente em prol de melhorar as relações homem/ambiente objetivando alcançar a sustentabilidade do ser humano, até porque está muito inserida dentro de um sistema de fortalecimento do individualismo.

3 UM OLHAR SOBRE A SAÚDE

A definição de saúde da OMS (Organização Mundial de Saúde) adotada em 1948 seria: “Saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença” (WHO, 2006). Definição essa que gera muitas discussões, pois para Ferraz e Segre (1997, p.539), “trata-se de definição irreal por que, aludindo ao "perfeito bem-estar", coloca uma utopia”. Seria possível um perfeito bem-estar? Apesar disso, e das discussões que se fazem necessárias em relação a essa definição, se olharmos para traz, onde o antigo conceito de saúde era de “ausência de doença”, é possível perceber hoje, uma maior integralidade.

Em relação a saúde mental, a organização (OMS) vai afirmar que não existiria um conceito oficial, visto que as diferenças culturais e pessoais vão relativizar essa questão, porém afirma que está para além de ausência de transtornos mentais e que existiria alguns critérios como: atitudes positivas em relação a si próprio; crescimento, desenvolvimento e autorrealização; integração e resposta emocional;

autonomia e autodeterminação; percepção apurada da realidade e domínio ambiental e competência social, a serem observados (WHO, c2018).

Volpi (2007) afirma que os seres humanos reúnem formas diferentes de ser e agir no mundo possuindo traços individuais, e que essas diferenças, quando estudadas, auxiliam o processo terapêutico na área da psicologia clínica. Dentro desse entendimento, seria essa a perspectiva de saúde mental que se conecta com a ecologia, no sentido de como os seres humanos se relacionam com o meio ambiente e com tudo que o constitui. Para o autor, seria necessário então, uma compreensão de saúde ampliada, entendida em um plano ecológico, a partir da compreensão de totalidade humana.

Capra (1996) afirma que essa visão ecológica precisa ser vista de forma abrangente, onde é reconhecida a “[...] interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza [...]” (CAPRA, 1996, p.25). É neste processo que se media o reconhecimento de uma dimensão de saúde que complexifica e alarga os limites de sua constituição. Ou seja, pauta-se uma saúde que se dá a partir das condições de possibilidade de sua existência, na íntima relação com os processos ecológicos e sistêmicos que abrangem a experiência humana.

Em 1982 Capra articulava sobre o modelo biomédico que ainda predomina nos dias atuais, afirmando que ele é reducionista e que se concentra cada vez mais em partes específicas do corpo, perdendo a totalidade e sem reconhecer o paciente como um ser humano inteiro, reduzindo a saúde a um funcionamento mecânico. Para o autor, seria importante entender a saúde como uma rede complexa de relação entre vários aspectos humanos, físicos, psicológicos, sociais e ambientais. Bilíbio (2013) vai sustentar que esse caminho para uma noção de saúde mais integrada e orientada ecologicamente acaba por ser dificultado diante do embate com uma concepção mais antiga de saúde ainda dominante.

De acordo com Carvalho et al (2010), a 13ª Conferência Nacional de Saúde, ocorrida em 2007, apresentou significativas diretrizes e itens associando saúde e

questões ambientais. Os autores afirmam que os setores de saúde estariam avançados nas reflexões sobre possíveis interfaces entre ambas. Nessa ocasião, foi determinada a realização, em 2009, da 1ª Conferência Nacional de Saúde Ambiental. Nota-se dentro dessa realidade, um avanço em direção a compreensão da conexão de saúde/ambiente, no entanto até o momento não se discute a partir de uma visão de ser humano integrado à natureza, ainda nota-se um discurso muito pautado no antropocentrismo.

Bilíbio (2013) vai sustentar que ainda estamos vivendo o momento da negação e que “enquanto a depressão ronda a cultura e a morte os ecossistemas, não temos mais muito tempo para responder” (BILÍBIO, 2013, p. 142). Estaríamos segundo o mesmo, repletos de sinais de paralisia em relação aos desafios atuais, levando a vida como se não estivéssemos nessa situação crítica em relação a sustentabilidade.

Nosso modelo social guiado pelo capitalismo, onde há um consumo exacerbado, extrema exploração dos recursos e uma focalização no desenvolvimento de tecnologias, acaba por gerar padrões narcísicos e de consumo, e ainda, estabelecem um enorme desequilíbrio dos ecossistemas (VOLPI, 2007). Esses avanços tecnológicos são impressionantes e ao mesmo têm prejudicado significativamente e inclusive destruído sistemas ecológicos dos quais a humanidade depende para sobreviver (CAPRA, 1982).

Para Bilíbio (2013 p. 96), “Quanto mais sofisticados vão se tornando nossos instrumentos, mais imersos nos encontramos no tipo de vida proporcionado por eles” Afirma que apesar de ser incontestável a importância evolutiva dos avanços tecnológicos, onde alterações cerebrais relevantes acontecem e trazem benefícios evolutivos para espécie, temos também pessoas completamente dependentes dessas ferramentas tecnológicas. Para o autor, o processo contínuo de urbanização foi criando limites entre espaços urbanos e naturais e, diante disso, o afastamento do mundo natural sendo cada vez mais intensificado.

A saúde humana é determinada pelos comportamentos, formas de se alimentar e pela natureza e meio ambiente. Dessa forma, doenças erradicadas pelos

avanços da tecnologia foram sendo substituídas por outras, relacionadas justamente com esses complexos avanços tecnológicos. Seria para o autor, as “doenças da civilização” relacionadas às características da vida moderna (CAPRA, 1982). Se entendemos então, que a saúde mental vai depender de uma integralidade humana com o todo, fica impossível separar a saúde mental da saúde ecológica. Ribeiro (2009) vai articular que a saúde de um depende do outro (psique humana e ambiente), não podendo ocorrer isoladamente, visto que são juntos uma totalidade que é a “[...] guardiã do sentido das coisas” (RIBEIRO, 2009, p.22).

Essa visão do Universo, ecológica, gestáltica, se faz contrária a indiferença humana de muitos, que tratam o ambiente como algo externo a elas. Diante disso, Ribeiro (2009, p.35), exprime que, “[...] sem uma profunda e universalizante resignificação de nossa relação com o Planeta, nada ou quase nada se manterá”. É preciso entender que sem a natureza não vivemos, somos um organismo vivo, onde as partes têm sua individuação, e ao mesmo tempo não fazem sentido nem podem sobreviver sem o todo. O que nos faz refletir sobre a forma de relação com o meio e o lugar de superioridade que o humano se coloca, mostrando sua frágil noção sobre o pertencimento.

Volpi (2007) vai ao encontro dessa visão ao explanar que não é possível falar de saúde mental ou ecológica separadamente, e que talvez, “[...] para entendermos as enfermidades da ‘alma’, talvez tenhamos que, antes de tudo, entender as enfermidades do mundo” (VOLPI, 2007, p.164). Articula ainda que é preciso que reconectemos nosso Eu às nossas raízes, que reavivemos esse afeto humano de cuidado e preservação, fortalecendo o vínculo com a terra e entendendo o que nos levou a esse lugar de destruição.

Capra (1982) reitera justamente, que essas limitações geradas por uma visão de mundo mecanicista estão influenciando a saúde individual e social. Discorre que a sociedade utiliza muitas vezes diagnósticos médicos para acobertar problemas sociais. Ele exemplifica uma situação hoje comum, de se diagnosticar crianças com hiperatividade ou incapacidade de aprendizagem ao invés de buscar compreender a inadequação das escolas e assim em todos os campos, diagnosticando doenças

que na verdade são apenas sintomas de um funcionamento social inadequado. Sustenta que essa reconstrução de um modelo que rompa com o biomédico, só pode ocorrer se as pessoas estiverem realmente dispostas a uma completa renovação social e cultural.

Para Zinker (2007) pessoas não saudáveis possuem uma visão muito enrijecida delas mesmas e não são capazes de aceitar algumas de suas partes. Passam então a ocultar e não aceitar aspectos de si que por algum motivo possam ser mal vistos socialmente.

Diante disso, trazendo essa perspectiva da Gestalt terapia clínica para a sociedade como um todo, e a partir dessa tendência a negação de padrões considerados negativos, é possível pensar em uma dificuldade da sociedade em aceitar esse caminho de destruição do meio ambiente natural que foi sendo percorrido. E se é preciso estar consciente e reconhecer os erros para poder desconstruir padrões e comportamentos, o não reconhecimento implica em uma não reflexão sobre novos caminhos. Como Capra (1996) vai discorrer, a crise estaria justamente na percepção, é preciso que mudemos nosso paradigma dominante, de um mundo pautado em um sistema mecânico, focado no crescimento econômico e tecnológico.

Bilíbio (2013) declara ser cedo para algum tipo de prognóstico, pois ainda há um alto grau de inconsciência e negação sobre a situação por parte das pessoas. E que, da mesma forma que no âmbito individual, muitas vezes apenas quando o sintoma fica crítico é que são tomadas providências, na esfera macro, pode-se pensar no mesmo processo. Se é na totalidade que podemos nos conectar com nós mesmos e com o campo e se “[...] somente a totalidade contém a explicação das partes” (RIBEIRO, 2006, p.55), fica difícil entender-nos e entender o todo, na medida em que estamos fragmentados. Para Bilíbio (2013, p. 98), “[...] o distanciamento físico e psicológico da natureza é fonte de adoecimento”. Articula que os desequilíbrios do sistema são inter-relacionados, dentro da teia da vida. O desequilíbrio climático por exemplo, teria sintonia com o das relações sociais, e com todos os outros desequilíbrios.

Ainda de acordo com o autor, os sintomas gerados por esses desequilíbrios, não servem apenas para sinalizar uma perturbação no sistema, são também ação da tendência de autorregulação do mesmo, o que em Gestalt vai ser trabalhado através do ajustamento criativo, como já explicitado anteriormente. O sintoma seria então uma oportunidade de evolução (BILÍBIO, 2013).

A visão de saúde proposta pela ecopsicologia, que engloba então essa visão ecológica de mundo, seria uma possibilidade de entendimento mais completo, buscando uma integralidade que possa auxiliar no processo de entendimento das problemáticas atuais e com isso reflexões de possíveis ações e transformações que contribuam para a sustentabilidade humana. Para Bilíbio (2013, p.142) “Se crenças que se tornaram ultrapassadas trouxeram-nos até aqui, não nos surpreendamos que o tempo da pós modernidade seja o da desconstrução”. Se faz pertinente dessa forma, uma reflexão sobre essas crenças, como elas influenciaram e influenciam as ações humanas, e a possível contribuição das mesmas nos comportamentos destrutivos em relação ao meio ambiente.

4 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE POSSÍVEIS VISÕES DE MUNDO

Em busca de um olhar mais abrangente sobre o que vem sendo discutido, julgou-se necessário o resgate de alguns paradigmas que produziram e produzem uma visão de mundo e de ciência, tal como o paradigma cartesiano que tem efeitos na configuração de uma visão fragmentada sobre o mundo e sobre o humano.

Antes do século XVI, a maioria das civilizações tinham uma visão de mundo dominante orgânica, vivia-se em comunidades pequenas, coesas e entendia-se os fenômenos espirituais e materiais de forma interdependente. A natureza era vivenciada de modo integrativo e havia uma subordinação das necessidades individuais às coletivas. A estrutura conceitual da ciência medieval foi estabelecida com base na razão e na fé, buscando um entendimento dos fenômenos e não um controle desses (CAPRA, 1982).

Foi a partir dos séculos XVI e XVII, diante das mudanças revolucionárias na física e astronomia, que essa noção foi sendo substituída por uma noção de “mundo máquina” (BILÍBIO, 2013, p. 32). A ciência passou a se basear em um método de investigação que envolvia a descrição matemática da natureza e do método analítico de raciocínio concebido por Descartes⁸. Os objetivos da ciência, que na antiguidade eram a sabedoria, compreensão da ordem natural e a vida em harmonia com ela, propósitos esses que chamaríamos hoje de integrativos e ecológicos, no século XVII passam a ser, o conhecimento em busca da dominação e controle da natureza. A ciência passa a se basear na absoluta certeza, o conhecimento que não pudesse ter comprovação era rejeitado, e apenas a partir da nova física do século XX, essa crença passa a ser questionada. (CAPRA, 1982)

Esse pensamento analítico decompõe o todo em partes, fragmentando o pensar e levando a uma atitude reducionista, além de dicotômica, visto que separa mente do corpo, e produz com isso uma ciência desintegrada, onde podemos observar a medicina centrada no corpo e na doença sem, muitas vezes, considerar a dimensão psicológica, por exemplo (CAPRA, 1982).

Apesar do novo entendimento de que não existiria verdade absoluta nas ciências, essa ideia ainda é muito difundida e aparece mediante o cientificismo da cultura ocidental, onde muitas pessoas acreditam que essa forma seria o único método válido para compreensão universal. Essa herança metodológica trouxe muitos avanços e ainda se mostra importante nos dias atuais, visto que proporcionou um desenvolvimento de complexos projetos tecnológicos. Porém, se faz necessário o reconhecimento de suas limitações (CAPRA, 1982).

A partir dessa breve contextualização dos paradigmas de visão de mundo vivenciados, é relevante refletir sobre as ciências hoje e como elas se estruturam. A psicologia, por exemplo, ao mesmo tempo que busca uma compreensão dos seres humanos, objetivando auxiliar nas questões subjetivas e sociais, foi criada pela própria sociedade dentro de um sistema regido por um pensamento mecanicista. De

⁸ René Descartes, considerado usualmente como fundador da filosofia moderna, foi um matemático distinto, com fortes influências das novas física e astronomia (CAPRA, 1982).

acordo com Roszak (2001), a psicologia nasce da mesma cultura científica e industrial que hoje impacta brutalmente o planeta. Encontra-se, portanto, em grande escala, dentro de um sistema marcado por um pensamento fragmentador, pautado na visão de mundo dual e mecanicista.

Entretanto, quando refletimos sobre as condições que contribuíram e contribuem para a crise eminente atual, não podemos pensar apenas na ruptura da relação pessoa/mundo estimulada pelo sistema industrial e mecanicista. Existem também formas de poder, muitas vezes invisibilizadas e mascaradas, que vão impactar a sociedade de forma geral. O sistema capitalista é um exemplo dessas forças, pois o mesmo produz adoecimento na medida em que se beneficia desse indivíduo dividido, quebrado e fragmentado. Sua potência se dá justamente através do consumo exacerbado e da manipulação para o consumo, que é fantasiada de liberdade de ser e agir no mundo. Liberdade essa, que de acordo com Rolnik (2006), opera um poder muito sedutor para a instauração do sistema. A autora, que não constrói suas argumentações necessariamente pautadas em uma visão ecológica, mas sim parte de leituras críticas e pós-estruturalistas, discorre sobre as forças de poder do mesmo, que apesar de mais sutis do que a dos regimes totalitários anteriores, não se tornam por isso menos destrutivas. Tal discussão se torna relevante, tendo em vista a necessária problematização de aspectos macropolíticos envolvidos na relação ser humano/ambiente/contexto. Essas forças e políticas regidas por esse sistema pautado no neoliberalismo acabam por transformar a cada dia o planeta em um “[...] gigantesco mercado, e seus habitantes, em zumbis hiperativos incluídos ou trapos humanos excluídos” (p.6).

Essa subjetivação vendida, na verdade é manipulada e fabricada pelo sistema e, diante disso, uma das mais empobrecidas, visto que diferente do sistema de padrão fordista e disciplinar de subjetividade anterior, nesse caso, fica mais difícil perceber a sua incorporação com o regime, pois é melhor disfarçada (ROLNIK, 2006). A grande questão é que na sociedade atual, “[...] o ambiente é uniformizado e padronizado para atender as necessidades de consumo gerado pela mídia e para a

manutenção das desigualdades sociais presentes na nossa sociedade” (BOMFIM; LIMA, 2009, p.493).

O sistema se beneficia dessa fragmentação pois ela enfraquece o ser humano. Ao mesmo tempo, ele fortalece essa desintegração produzindo necessidades e subjetividades que demandam a individualização e direcionam o indivíduo para um foco de produção e investimento de energia total no funcionamento dessa máquina. Rolnik (2006) sustenta que as imagens midiáticas, independentemente do público a que são direcionadas, trazem a ideia de que o paraíso estaria aqui nesse mundo e que para termos o privilégio de vivenciar-lo seria necessário “apenas” investirmos toda nossa energia vital (desejo, afeto, conhecimento, erotismo, dentre outros). Adentraríamos então nesse “mundo do paraíso” através do consumo de serviços e produtos propostos por ele.

Pensando nas forças que engendram esse momento atual de individualização do ser humano e de uma subjetividade produzida, podemos perceber dentro da psiquiatria por exemplo, esse sintoma de homem fragmentado, onde pouco se discute sobre a relação de doenças psíquicas e o mundo não humano. De acordo com Roszak (2001), não existem doenças nos inventários de pensamentos psiquiátricos modernos, além da zoofilia, que relacionem doenças da psique com o mundo mais que humano. As ciências modernas diferentemente do mundo moderno, a cada dia se dividem, especializam e fragmentam mais, enquanto o mundo tem caminhado no sentido da globalização. Com isso, separam-se partes de um todo que não poderiam ser separadas, pois dessa forma perdem seu sentido integral. (RIBEIRO, 2009)

O sistema capitalista e essa enorme necessidade de consumo imposta é um grande contribuinte para a situação ecológica atual. De acordo com Capra (1982), a economia contemporânea é formada por uma mistura de conceitos e modelos variados de diferentes épocas, porém sua maioria está enraizada no paradigma cartesiano. Essa busca e obsessão pelo crescimento, que gera muita destruição, seria um reflexo de pensamento linear. O crescimento é importante e essa crença se

justifica, à medida que crescer é inerente a vida, porém a ausência de limites geraria os desastres.

Para Schroll (2007), a psicologia teria falhado na questão da relação humano natureza e por isso a ecopsicologia precisaria de devida atenção. Seria justamente nessa compreensão de visão de mundo e nas suas influencias sobre as pessoas é que poderia ser pensado um combate à crise social e ambiental atual. Seria primordial com isso, um processo de auto-confrontação e de autoexame, onde ao invés de se tratar apenas sintomas, como por exemplo através das mudanças no uso dos combustíveis fósseis, das novas tecnologias e outros, tratar-se-ia as raízes do problema. A crise ambiental que estamos vivendo é complexa e demanda alternativas mais amplas do que a atenção a direcionada apenas a partes do problema, é preciso enxergar o todo e a partir disso agir em relação a ele, diretamente no núcleo. Não se quer dizer com isso que as medidas direcionadas aos sintomas não sejam também importantes, no entanto, tais medidas não atingem necessariamente as estruturas históricas que sustentam os problemas.

Nessa direção, Ribeiro (2009, p.15) argumenta que “o holismo é uma matéria-prima da qual emana, naturalmente, uma visão de Ecologia Profunda e Espiritualidade” e que sem uma transformação na mudança de visão de mundo nesse sentido, não teria como sermos sustentáveis. Essa mudança na visão de mundo, engloba a compreensão de um sistema que adoece e que também precisa ser ressignificado.

A medida que a ciência da ecologia vai amadurecendo, Roszak (2001), acredita que os psicólogos possam vir a compreender esse vínculo com o mundo natural como parte inerente a natureza humana e como uma dimensão psíquica extremamente relevante que acabou sendo reprimida pela cultura urbana industrial. Se dessa forma for, talvez aconteceriam grandes transformações na área, visto que durante o desenvolvimento da psicologia não houveram estudos direcionados a essa dimensão específica. Essas transformações poderiam contribuir dentro da conjuntura atual, mas obviamente não seriam, por si só, a solução de tamanha

problemática. A reconstrução precisa ocorrer interdisciplinarmente e ser elaborada por diversos campos concomitantemente.

Volpi (2007) pontua que esse modelo da sociedade atual fundamentado no consumo, no desenvolvimento de tecnologias e na exploração dos recursos naturais distancia pessoa/mundo e gera desequilíbrios tanto no ecossistema como no emocional dos seres humanos, sendo necessário identificar esses padrões compulsivos e a partir disso, trabalha-los para que se possa manter a sustentabilidade humana. Para Bilíbio (2013), esse modelo econômico atual e os poderes políticos que o favorece, não possuem capacidades éticas e nem ideológicas dentro de um mundo sustentável. O autor argumenta ainda que essa visão existente dos transtornos depressivos como a “nova epidemia do século”, traduz exatamente o sofrimento que esse estilo de vida das sociedades de consumo e competitividade vai proporcionar.

Para Ribeiro (2009), o Holismo ainda está longe de alcançar o posto de um novo paradigma que poderia trazer respostas para os problemas contemporâneos, ao mesmo tempo, acredita que ele seria uma ferramenta fundamental para um caminho em direção a sustentabilidade. Essas transformações na forma de ver e agir no mundo são profundas, complexas, e um primeiro passo nessa direção seria a consciência desses desequilíbrios e de que o funcionamento do mundo atual, em muitos aspectos, não está dando conta de manter um equilíbrio planeta/humano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos e das discussões traçadas na construção desse artigo, é possível ter uma maior compreensão em relação a crise ecológica a qual vivemos hoje, que envolveria questões sociais, políticas e ambientais. Esse trabalho convoca para um estado de maior percepção a quem vos escreve e espera-se poder contribuir dessa forma para quem o lê.

Frente aos apontamentos e levantamentos teóricos desse artigo, podemos pensar em dois pontos cruciais dentro da temática. O cartesianismo, que ainda se encontra muito enraizado e que fortalece a divisão do ser humano/mundo. Sendo

esse, uma peça fundamental dentro da crise ambiental atual visto que a partir da falta de compreensão dessa ligação pessoa/terra, estamos a cada dia destruindo mais a nós mesmos, sem nem ao menos nos darmos conta. E, além disso, a existência de um sistema capitalista que se beneficia desse ser humano fragmentado e, que ao mesmo tempo, o produz através das manipulações midiáticas e das vendas de sonho e paraíso que se concretizariam com o consumo dos bens e serviços que ele mesmo proporciona.

A perda da dimensão da ambientalidade humana a qual Ribeiro (2009) se refere, dentro desse contexto, seria mais um fator relevante na crise ecológica atual, visto que a medida que não se tem noções de cuidado e ética com o meio, acabam sendo autorizadas ações destruidoras inerentes à lógica capitalista.

Podemos refletir sobre essa relação, onde o ser humano fragmentado, sem a noção de sua integralidade, seria mais enfraquecido do que um ser com a compreensão e conexão com esse inconsciente ecológico e com sua relação com o meio. Um Ser humano mais enfraquecido ficaria mais suscetível a influências externas e a produção de subjetividade do sistema capitalista neoliberal.

A psicologia, responsável por auxiliar nas questões humanas, se pensamos de forma integral, teria um papel fundamental dentro da ecologia e da crise ambiental atual, afinal somos nós, seres humanos, os responsáveis por essa “loucura social”. Roszak (2001), acredita que se pudéssemos ver os fenômenos sociais atuais do ponto de vista dos seres vivos não humanos, o que parece um comportamento natural para nossa sociedade, provavelmente pareceria uma grande loucura para eles.

Se o mundo se encontra hoje em uma crise de percepção, como afirma Capra (1996), quem melhor que os profissionais responsáveis pela compreensão humana para auxiliar nesse processo? Roszak (2001) afirma que a psicologia e ecologia tem muito a contribuir uma com a outra e conseqüentemente com o planeta.

Em relação a psicologia clínica, algumas abordagens possuem uma visão de ser humano integral com o meio, como por exemplo a Gestalt terapia. Um trabalho clínico pautado na relação pessoa/mundo, auxiliando o indivíduo e

consequentemente o planeta no processo de awareness (de tomada de consciência) em direção a essas questões ambientais atuais, poderia ser um grande contribuinte. Além disso, a ampliação da visão de ser humano dentro da perspectiva clínica do terapeuta, poderia favorecer também a compreensão das verdadeiras raízes de alguns dos problemas de seus clientes.

Não há como afirmar que a psicologia hoje, consiga dar conta desse ser humano em sua completude, estando a mesma dentro de um sistema que fragmenta e acaba por dividir, muitas vezes sem consciência, os indivíduos e negligenciar a relação ecológica desses seres. De acordo com Bock (1997), os psicólogos têm sido formados na perspectiva do individualismo, dominada pela visão liberal de homem, onde a psicologia acaba por transformar os problemas sociais em problemas individuais e a tratar do ser humano como um ser isolado. Para Dimenstein e Macedo (2011), estudos importantes apontam que existem discursos críticos em relação a formação do psicólogo brasileiro, mas que ao mesmo tempo, existiria uma constante “ação reatualizadora” (p.302) do modelo individualizante.

Para Portela (2008), o mundo contemporâneo encontra-se diante de um sujeito dividido, e a psicologia clínica do século XX acabou por enfatizar a subjetividade do sujeito, vendo o ambiente como algo sem influência, reforçando o paradigma dominante pautado no individualismo. As dimensões biológica e social foram “esmagadas” por esse excesso de foco na subjetividade. Hoje é possível perceber o declínio desse paradigma dominante visto que o hiper-individualismo já não está conseguindo responder as necessidades de uma humanidade perplexa diante de um mundo em decadência e destruição. Dentro do declínio de um paradigma que não atende a complexidade humana, é necessário então a transformação em busca de uma nova visão que seja mais condizente com a completude humana, uma visão ecológica.

As questões abordadas nesse trabalho são complexas e não parece possível que apenas um campo de trabalho consiga entender e solucionar as questões do ser humano hoje, em relação a si e ao meio. A interdisciplinaridade é apontada por diversos autores na área da ecopsicologia como uma possível ferramenta de

combate a essa crise contemporânea. Acreditamos que a compreensão da situação como um todo de forma ecológica, a reconexão com o inconsciente ecológico e a partir dessas, a união de áreas de estudo, sejam possibilidades de enfrentamento dessa crise humana. Neste sentido, o intuito do artigo foi trazer reflexões e aumentar as discussões desse campo, visto que para se pensar em uma solução para algo de tamanha complexidade, é preciso que passemos a olhar atentamente para as demandas que a situação do mundo atual nos apresenta.

REFERÊNCIAS

BILIBIO, Marco Aurélio. **Ecopsicologia e Sustentabilidade: De frente para o Espelho**. 2013. 155 f. Tese (Doutorado Centro de Desenvolvimento Sustentável) Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14858/1/2013_MarcoAurelioBilibioCarvalho.pdf. Acesso em: 10 ago. 2019.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 37-42, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931997000200006>.

BOMFIM, Zulmira Aurea Cruz; LIMA, Deyseane Maria Araújo. Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. **Psico**, Porto Alegre: PUCRS, v. 40, p. 491-497, out/dez. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4711>>. Acesso em: 15 set. 2019.

INSTITUTO ESALEN. **Esalen.org**: our missions & values, c2019. Disponível em: <www.esalen.org/page/gestalt-esalen>. Acesso em: 06 set. 2019.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. **A Teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 2. ed. São Paulo. Cultrix; 1996.

CARVALHO, Maria Beatriz Maury; BILIBIO, Marco Aurélio; LAVINSKI, Luiza; MERTENS, Frédéric Saúde ambiental: uma análise dos resultados das conferências nacionais de meio ambiente, saúde e saúde ambiental. **Sustentabilidade em**

Debate, p.93-110, 2010. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/profile/Frederic_Mertens/publication/228338845_Sau de_Ambiental_uma_Analise_dos_Resultados_das_Conferencias_Nacionais_de_Mei o_Ambiente_Saude_e_Saude_Ambiental/links/02bfe50f1b9c9afc0c000000.pdf>.

Acesso em: 20 set. 2019.

D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestal-Terapia: "Gestaltês"**. São Paulo: Summus, 2007.

DOCA, Fernanda Nascimento Pereira; BILIBIO, Marco Aurélio. A (des) conexão criança e natureza sob o olhar da gestalt-terapia e ecopsicologia. **Rev. abordagem gestalt**. Goiânia, v. 24, n. 3, p. 379-387, dez. 2018. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 set. 2019.

<http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.12>.

MACEDO, João Paulo; DIMENSTEIN, Magda. Expansão e interiorização da Psicologia: reorganização dos saberes e poderes na atualidade. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 296-313, 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2019.

NINIS, Alessandra Bortoni; BILIBIO, Marco Aurélio. Homo Sapiens, Homo Demens e Homo Degradandis: A Psiquê Humana e a crise Ambiental. **Psicologia & Sociedade**. Minas Gerais, v. 24, n. 1, p.46-55, 2012. Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326538006>>. Acesso em: 03 set. 2019.

PERLS, Fritz. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

PORTELA, Marco Antônio. A crise da psicologia clínica no mundo contemporâneo. **Estudos de Psicologia**, v. 25, n. 1, mar. 2008, p. 131-140. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=395335887013>>. Acesso em: 7 out. 2019.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-Terapia: Refazendo um caminho**. 6. ed. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2006.

_____. **Holismo, ecologia e espiritualidade: caminhos para uma Gestalt plena**. São Paulo: Summus, 2009.

ROLNIK, Suely. Geopolítica da cafetinagem. **Revista Ide**. São Paulo v. 29, p. 123-

129, 2006. Disponível em:
<<http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>> .
Acesso em: 01 out. 2019.

ROSZAK, Theodore. **The voice of the Earth**. An exploration of Ecopsychology. 2 ed. New York: Phanes Press, 2001.

SCHROLL, Mark A. Wrestling with Arne Naess: A Chronicle of Ecopsychology's Origins. **The Trumpeter**, vol 23, no. 1, 2007. ISSN: 0832-6193. Disponível em:
<<http://trumpeter.athabasca.ca/index.php/trumpet/article/view/940/1353>>. Acesso em: 07 set. 2019.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 5, p. 538-542, out. 1997. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000600016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 set. 2019.

TABONE, Marcia. **A Psicologia Transpessoal**: Introdução à nova visão da Consciência em Psicologia e Educação. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

Thomashow, Mitchell. The ecopsychology of global environmental change. **The Humanistic Psychologist**, vol. 26, p. 275–300, 1998. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1080/08873267.1998.9976976>>. Acesso em: 03 set. 2019.

VOLPI, José Henrique. **Fundamentos Epistemológicos em direção a uma Ecopsicologia**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em:
<<http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Teses/VOLPI-Jose-Henrique-Fundamentos-epistemologicos-em-direcao-a-uma-ecopsicologia.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

WHO (World Health Organization). Constitution of the World Health Organization. Basic Documents, 2006. Disponível em:
<https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf> Acesso em: 10 set. 2019.

WHO (World Health Organization). **Mental health**: strengthening our response. c2018. Disponível em: < <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>> Acesso em: 10 set. 2019.

YONTEFF, Gary. **Processo, Diálogo e Awareness**: Ensaios em Gestalt-Terapia. 3 ed. São Paulo, Summus Editorial, 1998.

ZINKER, Joseph. **Processo Criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo, Summus, 2007.